

GENEROSO PONCE: O CONDUTOR DE HOMENS

Lourembergue Alves*

Este artigo tem como objeto estudar o político Generoso Ponce, buscando seu legado, bem como sua importância para a história política regional.

Origem - guerras - político - legado

"Bem aventurados os que a si mesmos se estatuarão em atos memoráveis, e sem deixar os retratos a posterioridade, esquecida ou desdenhada, vivem a sua vida póstuma desinteressadamente pelos benefícios que lhe herdaram"
(Rui Barbosa)

"Sua trajetória corresponde a uma curva de máximas e mínimas, pelas quais transitou de cabeça erguida, de coração à larga e de consciência tranqüila"
(Carta do Marechal Rondon a Generoso Ponce Filho).

INTRODUÇÃO

Preservar a memória de Generoso Paes Lemes de Souza Ponce significa divulgar, para conhecimento dos mato-grossenses e dos não-mato-grossenses, uma fase rica e importante da história de Mato Grosso. A sua biografia é, realmente, a história regional do período dramático em que viveu. O Coronel Ponce começou a viver para a sua terra natal quando correu às armas, como "voluntário da pátria", na guerra contra os paraguaios. À volta de seu nome, vê escoar-se a última fase da monarquia em Cuiabá, proclamar-se e sangrar a república nos episódios que a contestaram e a consolidaram.

* É analista político, historiador, professor da UNIC, articulista de jornais da Capital e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

O presente trabalho procura contribuir para um maior entendimento da história de tão ilustre homem público e, ao mesmo tempo, evidenciar uma faceta da realidade histórica regional. É do conhecimento dos contextos regionais que se amplia o entendimento referente a história do Brasil.

Mato Grosso, pela sua posição geográfica e pelo que representa no cenário brasileiro, constitui-se uma unidade importante do Brasil. O País é muito extenso - grande demais para manter a uniformidade. Os elementos de diferenciação atuam com caráter permanente em muitas circunscrições do território. Unidade de gloriosa presença na história brasileira, campo de lutas que, em muitas ocasiões, ensangüentaram as suas áreas limítrofes e ajudaram a sua incorporação ao domínio brasileiro. Esta região foi cenário onde mediram forças portuguesas, espanhóis e indígenas, talando campos, cortando matas, cerrado e rios e, finalmente, delimitando uma fronteira marcada pelo sangue e pela violência.

A violência, durante o período colonial, apresentou-se como um comportamento inerente às bases da sociedade mato-grossense - devido a própria luta contra os primitivos habitantes, com os espanhóis e com a natureza. Após a independência, a violência assumiu formas explícitas e declaradas no nível político-partidário, como, por exemplo, durante a Rebelião Cuiabana - a Rusga. O advento da república não chegou a modificar esta situação. Por isso, as velhas querelas foram marcantes no início da história do regime republicano.

Nesse ambiente mato-grossense, onde silenciaram os tribunais, ressaltaram os corretivos da indignação, que supria a lei, e do sacrifício, que a desagrava, Generoso Ponce - o General das multidões - nasceu e saiu em defesa de Mato Grosso, batendo contra a desordem, contra a prepotência, contra o abuso e o crime, para que o Estado e a sociedade gozassem a sua justa tranqüilidade. Em 1892, montou a cavalo para restaurar a ordem; em 1899, sobraçou o fuzil para defender a ordem; e, em 1906, retornou ao combate para restabelecer a segurança comum.

Generoso Ponce era um caráter interiço, no pleno significado da palavra. Não admitia que se pudessem sacrificar ao transitório, ao pessoal, ao egoísmo banal, os interesses superiores (os interesses do estado e de seu povo). Procurou o poder sobre as inteligências e as vontades. Ele se sentia como um condutor de homens, jamais apelando para os instintos mais baixos, mas para o idealismo e a razão.

Acima das ambições pessoais estavam os interesses de Mato Grosso. Para defendê-los, arriscou repetidamente sua própria vida. Paladino da liberdade e lutador intrépido. Arregimentou todos os que foram capazes de lutar pelos interesses mato-grossenses, principalmente os combatentes anônimos que viram seus ossos embranquecer na Baía do Garcez e o sangue umedecer a campanha da legalidade nas ruas cuiabanas.

De simples balconista, transformou-se em uma das grandes expressões políticas. Foi deputado estadual em várias legislaturas, presidente da Assembléia Legislativa, deputado federal, senador, vice-governador e governador. Além disso, organizou forças patrióticas para recolocar no poder o presidente deposto Manoel Murтинho, e organizou a defesa da Capital contra o assédio das tropas de Totó Paes.

O tempo passou. E a saúde do velho condutor de homens atravessou momentos cruciais. O cérebro continuava comandando inteligentemente, mas o corpo, já corroído pela doença, não o atendia como antes. Era o fim de uma vida de glória, de orgulho a Mato Grosso.

Retrata-se aqui, rapidamente, a vida gloriosa desse ilustre cuiabano, procurando apresentá-la isenta das deformações oriundas das idéias preconcebidas - descrevendo os aspectos que lhe pareceram essenciais, concatenando-os numa narrativa que procura proporcionar o almejado "retrato" de uma vida de mais de meio século de extremo amor a Mato Grosso, paixão ao conduzi-lo numa extraordinária trajetória.

Para escrevê-la, foi fundamental a leitura de algumas obras que retratam a história regional no período em que viveu o biografado, artigos, teses, mensagens dos governadores e jornais. Estes materiais foram valorosíssimos para a constituição das páginas que se seguem.

OS PONCE

O grande líder político Generoso, cuja ação histórica confunde-se com a própria história mato-grossense do período dramático em que viveu, é Ponce por parte de pai. Sua família é descendente dos Ponce de Leon de São Paulo, e, estes últimos, aos da Espanha que, por sua vez, são originários da França, ligados à linhagem aristocrata. Seus descendentes, nos primeiros anos do século XVI, espalharam-se por várias partes do continente americano.

O primeiro Ponce a chegar no Brasil foi Gabriel Ponce de Leon, em 1632, depois de ter estado na Província do Paraguai, instalando-se na Capitania de São Paulo. Outros Ponce e parentes, seguindo os passos do primeiro, também instalaram-se em Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. No Brasil, eles constituíram famílias e conquistaram riqueza e prestígio. Seus feitos e proezas tornaram-se imortais em obras de vários estudiosos da história brasileira, tal como a epopéia de Fernão Dias Paes Leme - um dos ancestrais de Generoso Ponce.

A família de Generoso Ponce é descendente direta dos Ponce de São Paulo. O primeiro destes a pisar em terras mato-grossenses foi André de Zuñiga y Leon, companheiro de Pascoal Moreira Cabral (o descobridor de Cuiabá). Foi um

dos homens que se destacaram na conquista de Mato Grosso, defendendo a posse da terra a ponta de espada e arcabuzados.

Um parente de André Leon, Antônio da Veiga Ponce, casou-se com uma Martins Bonilha, neta de Salvador Martins Bonilha - um dos capitães-mor de Mato Grosso. Desse casamento, nascera Salvador Martins Ponce que teve um filho também cuiabano e, bem mais tarde, veio a falecer em Cuiabá.

José Ponce Martins, filho de Salvador Martins Ponce, serviu no exército em Mato Grosso, chegando ao posto de tenente. Faleceu em 1820, na terra em que nascera, deixando ao filho, o também José Ponce Martins, uma modesta casa na antiga rua do Campo (atual Barão de Melgaço), o nome todo, a honradez e o amor acendrado pela terra natal.

José Ponce Martins, o filho, tal como o pai, fez carreira no exército. Fora 2º e 1º sargento e depois alferes.

Desde menino, falava em ir para o exército, em ser militar. Na verdade, o ingresso no exército era o sonho de todos os meninos pobres do País, uma vez que esse organismo era uma carreira barata; onde o militar além de ter a "farda" de graça ainda recebia soldo. Ao contrário da marinha, de mais difícil entrada para um garoto pobre, o "aspirante" devendo comprar seu enxoval e sem perceber vencimentos. Todavia, o exército tinha muito poucas prerrogativas no governo e contava com muito pouca simpatia do Imperador.

Mas o menino José Ponce Martins herdara aquela vontade firme do pai tenente (essa mesma vontade foi herdada por Generoso Ponce).

No dia 30 de junho de 1851, o Sargento José Ponce Martins, atendendo um apelo do coração, casou-se com Dona Corsina Romana Souza. O casal Ponce Martins passou os primeiros anos de sua vida na humilde casa da rua do Campo. Uma vida de gente simples, instalada numa pobre casa. José Ponce era um plebeu de posição, muito embora em suas veias corresse o sangue azul da aristocracia espanhola-francesa. Vivia dos mingüados e atrasados soldos do exército. A carreira do exército não era então das mais bem pagas. Mas a vida de dificuldade financeira que levava e o desprezo do governo para com os contingentes do exército, responsáveis pela defesa da região mato-grossense, não o fizeram uma pessoa descortês e impiedosa. No seu coração só havia lugar para a bondade - o amor. Ele era uma espécie de exemplo de caráter reto, de homem cumpridor dos seus deveres, dedicado à família e à educação dos filhos e companheiro dos soldados no exército. Jamais negou-se a ajudar os companheiros. Sempre tinha uma palavra amiga para encorajá-los. Seus conselhos, nobres e sábios, muitas vezes evitavam deserções. Para o Sargento José Ponce Martins bastavam o amor da família, a amizade e a satisfação que via no rosto de seus companheiros.

Esse nobre militar amava a justiça (não aquela que se apóia somente na lei, mas a que tem raízes igualmente na bondade e no conhecimento da vida desigual dos homens), além do ambiente provinciano da então pequena cidade de Cuiabá, onde residira com a mulher e os filhos (Generoso Ponce, Jacinta, Pedro, Luiz e Francisca).

O primeiro filho de José Ponce Martins e Dona Corsina Romana, Generoso Paes Leme de Souza Ponce, nasceu no dia 10 de julho de 1852. Nesta data, o Sargento José Ponce estava cumprindo seu dever de movimentar no quartel do Porto, quando, derrepente, um jovem interrompeu-lhe com a notícia do nascimento de seu primeiro filho. Alvorçado, o Sargento José Ponce dirigiu-se a sua casa, cortando o caminho pelo Campo d'Ourique (atual praça Moreira Cabral e onde se ergue o prédio da Assembléia Legislativa) e descendo o estirão da rua do campo. E, fazendo planos de futuro para o garoto, chegou à sua casa, depois de ter subido toda uma quadra. Foi enorme sua alegria ao ver o filhinho recém-nascido. Não imaginava o sargento cuiabano que aquele pequenino ser, choramingando entre suas mãos, tinha o dom de comandante de massas e o segredo enfático da justiça e da dignidade de mato-grossense.

Quando Generoso Ponce estava nascendo, o movimento de repressão ao tráfico de africanos para o Brasil alcançava o seu ponto máximo. Iniciando-se por volta de 1850 (através da primeira lei abolicionista do País - Lei Euzébio de Queiroz), foi um movimento criado pela coerção exercida que objetivava favorecer a desintegração do sistema escravista brasileiro. Mas, mesmo com a severa vigilância dos navios ingleses, os negros continuaram sendo introduzidos ilegalmente no País. O que fez o Imperador, em 1852, a intensificar o vigor e atenção da repressão ao tráfico - um golpe duro para a economia mercantil escravista.

Mas, é importante salientar, no entanto, que a proibição do tráfico de escravos para o Brasil contribuiu favoravelmente para o surto do progresso da cafeicultura, pois os grandes capitais, que concentravam a importação de africanos, passaram a ser invertidos em outros setores da economia, o que mudou completamente a face das coisas na agricultura, no comércio e na indústria.

O surto do progresso da cafeicultura, por sua vez, resolveu a situação de crise econômico-financeira do Brasil. A marcha da cultura do café provocou, pelos seus efeitos, mudanças fundamentais no quadro econômico e social do Brasil-Monárquico.

Cultivado no Brasil desde o século XVIII, o café passou a ser o grande produto de exportação do século XIX. O quadro abaixo indica o crescimento de

exportação do café, em porcentagem:

Produtos	1821/30	1841/50	1851/60
Açúcar	30,1%	26,7%	-
Algodão	20,6%	7,5%	7,1%
Café	18,4%	47,7%	56,0%
Couros e peles	13,6%	8,5%	3,5%

Fontes: PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 112; SIMONSEN, Roberto Cochran. **História econômica do Brasil: 1500- 1820**. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1979, p. 157-172.

Com a expansão cafeeira, o Brasil despertou-se para o "surto industrial" e a urbanização. A partir de 1850, indica Prado Júnior, fundam-se

"62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, 2 de gás e 8 estradas de ferro"¹.

Isso, sem dúvida, era efeito do desenvolvimento econômico que propiciara um acúmulo de capitais nas mãos dos fazendeiros, desenvolveu o setor manufatureiro e as atividades comerciais e de transportes ferroviários e estimulou o crescimento das cidades - aquelas próximas aos centros produtores de café, os portos de importação e exportação e ao longo das linhas férreas que acompanham a marcha do café.

Entretanto, esse desenvolvimento econômico não se estendeu por todas as regiões do País. Mato Grosso, por exemplo, passava por crises econômico-financeiras assustadoras. A repressão ao tráfico foi, em partes, a grande responsável pela situação difícil da região, pois prejudicava consideravelmente a produção agrícola. Isso porque o fazendeiro passou a imobilizar alta soma de capital para a compra de escravo, diminuindo a sua aplicação na lavoura. A lavoura canavieira da região quase desapareceu. Somente conseguiu sobreviver graças ao tráfico interprovincial e transferência de escravos domésticos e da mineração para a atividade agrícola.

Além disso, a mineração mato-grossense, há muito, já havia entrado num estágio de colapso profundo (a exploração do ouro e do diamante era realizada em reduzíssima escala), a navegação do rio Paraguai, fundamenta, na época, para o desenvolvimento da região, estava em recesso, o que retraía a produção mato-grossense.

Os reflexos dessas crises, pelo seu turno, provocaram o empobrecimento

¹ PRADO JÚNIOR, Caio. op. cit., p. 120.

visível das finanças públicas e o encarecimento descontrolado dos gêneros de primeira necessidade - onerando socialmente o consumidor local. Os comerciantes nada mais faziam do que transferir os altos custos das mercadorias para o consumidor. Sob tais combinações, a população pobre ficara a mercê de um nível de vida extremamente baixo, em permanente desafio aos mínimos vitais de existência.

A pobreza foi a mais fiel companheira da família do Sargento José Ponce Martins. Caracterizante da infância pobre de Generoso Ponce. Ele cresceu em meio às dificuldades da pobreza. Aprendeu daquele e de Dona Corsina que a vida não se resumia ao lar. O pai, positivista, preocupado com a situação caótica da região. A mãe, nas horas de folga dos afazeres caseiros e dos filhos, preocupava-se com a situação dos vizinhos e amigos. Desde muito cedo, Generoso Ponce soube das dificuldades de sua terra natal, das lutas dos conterrâneos, das injustiças e dos sofrimentos. Assim, desde a primeira infância, procurou formar o seu caráter. Aprendeu com o pai as lições de incorruptibilidade. O Sargento José Ponce lhe ensinou que a felicidade não se conquista vendendo o caráter e o coração, mas com justiça e com uma vida valente e digna.

Com Dona Corsina, Generoso Ponce aprendeu a arte de educação dos filhos. Ela era uma altíssima presença humana - mãe carinhosa, esposa cuidadosa e amiga dedicada. Na rua do Campo, todos a tinham como uma grande anciã.

Esses ensinamentos foram fundamentais na formação do caráter de Generoso Ponce, além de ajudá-lo a não perder a perspectiva, a não perder a confiança, a não perder a alegria interior.

O pequeno Ponce era muito alegre e inteligente. Seu pai ficava pensativo quando via a extraordinária facilidade que o filho tinha para rir e esquivar-se de certas perguntas que lhe faziam. Aos oito anos, lia tudo que lhe caía nas mãos: revistas, livros, jornais, etc. Ficava deslumbrado quando o pai narrava-lhe a epopéia das "Bandeiras e Monções" que, de Piratininga, rumaram para os sertões mato-grossenses, no alvorecer do século XVIII.

O Sargento José Ponce entusiasmava-se com o interesse do filho sobre a historiografia da terra. Toda noite, em uma das salas da casa, que ligava-se a entrada por um enorme corredor (tal como as demais casas antigas de Cuiabá), contava-lhe a história de Cuiabá. Partia das descobertas das minas para explicar-lhe que

"as famílias dos primeiros povoadores entrelaçavam-se descobrimento até hoje, presenciando e tomando parte nos acontecimentos, desde os primeiros dias, quando esta terra se conhecia como as minas do Cuiabá".

Empolgado, o menino indagava-lhe sobre o acontecimento mais importantes de Cuiabá. Para o pai, o fato mais marcante da cidade foi a Rusga. O

filho ouvia atentamente a narração sobre a revolta cuiabana - expressão maior do nativismo regional. O Sargento José procurava fazê-lo compreender todo o episódio, explicando o momento histórico em que se encontravam Cuiabá e sua população pobre.

Desse modo, ia aprendendo a admirar a história e a cultura mato-grossenses e a compreender as injustiças sociais. Simpatizou-se com todos os que formavam a legião imensa dos pobres, dos oprimidos, dos escravos. Apaixonou-se pela abolição. Como membro da Sociedade Emancipadora Mato-grossense, aos vinte anos, clamava pela redenção dos escravos. Na condição de Presidente de Mato Grosso, em 1907, preocupou-se com os sem-terras da região, baixando o Decreto nº 200 que visava lotear a zona ervateira do Estado em glebas de 450 hectares para o assentamento das famílias pobres, desentendendo-se, por conta disso, com Manoel Murinho - defensor dos interesses da Mate Laranjeira que monopolizava a exploração da erva-mate.

Como filho de oficial, Generoso Ponce encheu os olhos com o espetáculo dos homens no exército. Herdara do avô e do pai a admiração pelo exército. Sonhava em empunhar uma espada como a do pai que, quase sempre, era pendurada na sala de jantar. Com os garotos de sua idade, gostava de brincar de soldado, armando-se de espada de pau, formando um pequeno batalhão e simulando combates.

Além disso, gostava de ver o pai de farda. Acompanhou a sua carreira militar com admiração e orgulho, emocionando-se quando José Ponce foi provido a alferes, em 1860, e escolhido para comandar o Forte do Príncipe da Beira, estabelecido à margem do rio Guaporé, em 1862. Neste Forte, o garoto aumentou a admiração pelas coisas militares, pelos exercícios e a compreender a hierarquia e disciplina.

Em 1863, seu pai o interna no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Cuiabá. Mas, Generoso Ponce não demonstrava nenhum entusiasmo pelos estudos teológicos. As lembranças dos exercícios militares, das manobras e das armas não lhe saíam da memória. A vida militar o fascinava muito. Dom José Antônio dos Reis, o primeiro bispo da Capital, reconheceu a sua vocação quando afirmou que "... se quizesse deixar o hábito, não o levaria mal..."

Apesar disso, Generoso Ponce ainda permaneceu no Seminário até 1865, ano em que os paraguaios invadiram Mato Grosso através de duas Divisões: uma por terra, sob o comando do Coronel Vicente Barrios, que partiu de Assunção; e outra fluvial, saída de Conceição, comandada pelo Coronel Isidoro Resquin. Esta última penetrou no território brasileiro pela fronteira do rio Apa. Na colônia de Dourados, travou um combate com um destacamento composto de dezoito homens de Cavalaria, liderado pelo Tenente Antônio João, que, recusando a rendição, foram todos mortos.

Por essa época, havia em Mato Grosso cerca de mil e trezentos homens

estabelecidos em reduzidos destacamentos pelas cidades de Cuiabá, Cáceres, Corumbá, Nioaque, nos fortes do Príncipe da Beira, Casal, Vasco de Coimbra, e nas colônias militares de Dourados e Miranda. O ponto de defesa que obstava o acesso pelo rio era o Forte de Coimbra, guardado por cento e vinte praças comandados pelo Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, com pouca munição, povoações marginais, sem defesa especial. O que facilitou a sua tomada pelas tropas comandadas pelo Coronel Vicente Barrios. Em seguida, os soldados guaranis dominaram Miranda, Albuquerque, Coxim, Dourados, Sant'Ana do Paranaíba, Nioaque e Corumbá.

Na evolução dessa invasão paraguaia, em pouco tempo o sul mato-grossense fora conquistado, deixando a população do norte indignada e amedrontada. Os cuiabanos, temendo ser atacados, passaram a alistar-se espontaneamente para a guerra. Entre os "voluntários da pátria" encontrava-se um adolescente de treze anos. Generoso Ponce abandonara os estudos pela defesa de seu Estado natal, deixando seus pais preocupados.

O governo regional determinou providências para a resistência de Cuiabá. O local estrategicamente escolhido para a defesa da capital foi a Colina do Melgaço. Ali estabeleceu-se um batalhão chefiado por Augusto João Manoel Leverger (Barão de Melgaço), do qual fazia parte Generoso Ponce. Essa estratégia afastou a tropa paraguaia de vir até Cuiabá. Em 1867, uma força expedicionária, organizada pelo Dr. José Vieira Couto Magalhães, presidente de Mato Grosso, retomou Corumbá das mãos dos invasores. Generoso Ponce estava entre esses combatentes.

Retomada Corumbá, mas parte dos soldados brasileiros foi contaminada pela varíola. De volta à Cuiabá, o grupo de soldados doentes contaminou a população cuiabana. A epidemia alastrou-se rapidamente. O combate a doença não produziu resultado satisfatório. Poucas foram as casas poupadas pela epidemia. Na residência de José Ponce Martins, todos adoeceram, felizmente não houve mortes.

A doença só veio a desaparecer em dezembro de 1867, depois de vitimar cerca de cinco mil pessoas - somente em Cuiabá, mais de dois mil e duzentos habitantes. A propósito, Clovis Corrêa da Costa fez o seguinte relato:

"(...) período houve, em que os mortos eram tão numerosos, que não havia gente para cavar as sepulturas e enterrá-los, nem quem pudesse transportá-los ao cemitério. Uma carroça percorria as ruas, apanhando os cadáveres em domicílio e transportava-os para o cemitério do 'Cai-Cai'. Os corpos eram simplesmente envoltos em panos sujos, as mais vezes; e transportados como carga comum, na mais completa promiscuidade - homens e mulheres, velhos e crianças, todos

juntos misturados, uns em cima dos outros. Não podendo ser enterrados, tinham que ser cremados. Fizeram pilha de lenha colhida no cerrado próximo, longa e alta, sobre a qual foram depositados os mortos. Acesa a fogueira, o espetáculo da cremação era horroroso ..."²

A Guerra do Paraguai, conseqüentemente, abriu o sul de Mato Grosso para a economia mercantil, via exploração da erva-mate e da criação de gado, porém trouxe ao País um péssimo estado financeiro. O governo nacional contraiu empréstimos que, de 1865 a 1870, somavam mais de vinte milhões de libras.

Com a vitória da Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, os militares mato-grossenses foram recebidos com festas em Cuiabá. Generoso Ponce, então com dezoito anos, na casa da rua do Campo, rodeara-se de irmãos e amigos interessados em saber das peripécias de Melgaço, Aricá e Corumbá. O jovem soldado contou-lhes toda a história. Sentia-se admirado e respeitado, ao mesmo tempo entusiasmado pela carreira militar, sobretudo quando o exército lhe concedeu o título de segundo cadete, em 1870. Os amigos e família, por outro lado, incentivaram-no a fazer o curso da escola Militar no Rio de Janeiro. Esta era a sua intenção. Mas, na última hora, Generoso Ponce desistiu do que tanto desejava - ser militar.

Após essa desistência, transformou-se em pequeno agricultor na Chapada dos Guimarães. Ali ocupou-se de plantações de frutas e verduras e de uma pequena criação. Periodicamente, vinha até Cuiabá, onde comercializava sua produção.

Em 1871, com apenas dezenove anos, ele se casou com Dona Maria Honorina Leite. Desse casamento, nasceram os filhos Palmiro, José e Adelina. O casal, inicialmente, vivera no sítio da Chapada. Num certo dia, porém, quando retornava de Cuiabá, Generoso Ponce deparou com o sítio ardendo em chamas e com sua esposa aflita. Tudo foi destruído. O fogo lhe destruíra em minutos o que acumulou em meses.

Diante do ocorrido, resolveu voltar à Cuiabá. Logo que terminou de instalar-se, juntamente com a família, na rua de Baixo (atual rua Galdino Pimentel), rejeitou uma colocação num órgão público. Era um bom emprego, de 150 mil-réis mensais. Preferiu uma colocação no comércio, de menores proventos - apenas 50 mil-réis mensais.

Dedicou-se muito ao trabalho e, por isso, conquistou a confiança do seu patrão, desembargador Firmo José de Matos, que, entusiasmado, passou a ensinar-lhe os segredos da contabilidade. Com o que aprendera, passou a lecionar, no período noturno, contabilidade a jovens trabalhadores do comércio. Assim, pôde aumentar, consideravelmente, o seu ordenado.

Em 1873, o patrão resolveu partir para a Europa, deixando-o como responsável pela direção da sua casa comercial. Seu desempenho foi tão

² COSTA, Clovis Corrêa da. *Mato Grosso de outrora, episódios, reminiscências e costumes*. 1965. (Xerox),

significativo nos negócios que o desembargador, quando retornou de viagem, deu-lhe 3% nas vendas a varejo e 2% nas por atacado, tornando-o, de fato, o seu "braço direito" no comércio.

Não muito tempo depois, ele se tornou sócio do Desembargador Firmo de Matos, formando a Firmo & Ponce, instalada na rua 11 de Julho (atual Pedro Celestino), e, em 1874, comprou a parte de Firmo de Matos, estabelecendo sua própria firma.

Naquele mesmo ano, passou a publicar artigos e poesias no jornal O Liberal - órgão do Partido liberal. Na praça do Tanque do Baú, situada onde hoje inicia-se a atual Avenida do CPA, suas composições passaram a ser recitadas e discutidas por amigos, entre os quais Antônio Azeredo e Carlos Vandoni. Este último, por exemplo, chamava-o de "poeta da água doce". O jornalismo, na verdade, serviu-lhe apenas como auxiliar prestimoso para a política. Foi esta que o fez conhecido e popular. Filiou-se, em 1873, no Partido Liberal. Dois anos depois, perdeu o pai (1875). A morte, também, arrebatou-lhe a esposa, em 1878. A dor da perda do pai e da esposa, porém, não o tirou da cena política, do comércio e do jornalismo. Enquanto engolfava-se no trabalho, sua mãe e sua sogra, Dona Maria, cuidavam de seus dois filhos: Palmiro, com cinco anos, e Adelina, com menos de um ano. Mas não por muito tempo, pois, em 1880, ele se casou novamente. Sua nova esposa, Dona Mariana, foi mãe exemplar de seus dois filhos. Com ela, nasceram: Josefina, Alice, Julieta, Nelson, Leogilda, Carlinda, Ranulfo, Cacilda, Nadir, Generoso Filho, Altamyro, Odília Medéia.

2 - O Político

Apesar de não ter freqüentado uma academia escolarizada, Generoso Ponce foi um mestre nas artes de raciocinar com lógica, de argumentar e de persuadir falando. Poucos políticos mato-grossenses foram geniais quanto ele. Autodidata e intuitivo, o Coronel Ponce - como ficou conhecido no cenário político - tinha o segredo da frase e o dom natural da eloqüência. Poucos homens públicos do interior do país, escreveu Pedro Calmon,

"Juntaram no comportamento político tantas qualidades romanescas, severase amáveis: e raros dominaram, como ele dominou, as forças da 'barbárie', em nome dos princípios e das idéias"³.

Na sua rica trajetória política, soube distinguir o terreno das relações pessoais do campo político-partidário. Manteve amistosas ligações com os adversários. Esta atitude lhe valeu, "mesmo politicamente, inúmeras vitórias", informou Ponce Filho.

Depois de presidir a Sociedade Beneficente "Amor e Arte", da qual fora

³ CALMON, Pedro. Prefácio. In: PONCE FILHO, Generoso. *Generoso Ponce, um chefe*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

um de seus fundadores, e ocupar o cargo de Grão-mestre na Maçonaria cuiabana, elegeu-se, em 1882, deputado provincial pelo Partido Liberal. Na Assembléia Provincial, defendeu os interesses de Mato Grosso e do seu povo. Seu alto desempenho o transformou em líder respeitado e admirado, inclusive pelos adversários políticos, conforme pode-se perceber num trecho do artigo do jornal Situação, do Partido Conservador, datado de 28 de maio de 1882:

"O Sr. Capitão Generoso Ponce é membro eleito da Assembléia provincial e um dos (seus) mais distintos (membros). A palavra pois de S. Sa. merece muito respeito e importância, e não pode deixar de ser tida como de grande alcance pela dupla potência que representa, a da opinião pessoal de S. Sa. de seus nobres colegas da maioria, da qual S. Sa. é digno receptor e transmissor"⁴.

Assim, ele consolidava seu prestígio político. O que lhe garantiu a reeleição, em 1887. Empossado em 6 de fevereiro de 1888, ocupou interinamente a Presidência da assembléia Provincial, por ser o deputado mais votado, efetivando-se neste posto cinco dias depois. É essa posição que ocupava quando surgiu a República, proclamada a 15 de novembro de 1889, substituiu a Monarquia que desde a independência era o regime de governo do Brasil.

Na verdade, o ideário republicano esteve presente, ao longo da história brasileira, em vários movimentos liberais, tais como nas Conjurações Mineira (1789) e baiana (1799), Revolução Pernambucana (1817), Confederação do Equador (1824), Revolução Praeira (1848) e nas rebeliões provinciais da fase regencial: Farroupilha, Cabanagem, Sabinada e Balaiada. Mas foi o republicanismo, surgido na Segunda metade do século XIX, que assumiu uma posição radical ao pretender pôr abaixo o regime monárquico.

Como movimento que teve ressonância em todas as províncias brasileiras, o movimento republicano fluminense que tinha majoritária concentração na Capital, o palco de todos os importantes acontecimentos políticos do Império, era dificultado pela presença do governo e de suas forças de repressão e cooptação. Todavia, o republicanismo era favorecido na Capital pelo maior cosmopolitismo que estimulava os comícios públicos e concedia o permanente uso da imprensa. O republicanismo cuiabano, também, fora favorecido pela imprensa, além da enorme distância que separa Cuiabá do Rio de Janeiro. Na Capital mato-grossense, a propaganda do ideário republicano era feita principalmente nos jornais A República, fundado em 1883, e A Gazeta, surgido em 1888. O movimento republicano foi mais forte na província de São Paulo. "Entre os

⁴ Apud Ibidem. p.4

paulistas, as condições objetivas postas pelo seu desenvolvimento material evidenciavam a ação deletéria do centralismo monárquico" ⁵. A Monarquia configurava-se para os proprietários e capitalistas de São Paulo como um impedimento ao progresso. Através de seu Partido Republicano, mas não só dele, a província manifestou os seus descontentamentos contra a Monarquia. O Partido Republicano paulista e os militares, sem dúvida, foram as forças mais representativas na composição e consolidação da República.

A notícia da proclamação da república só chegou à Capital mato-grossense no dia 9 de dezembro, durante a realização de um baile em homenagem ao Coronel Generoso Ponce. Cuiabá recebeu com entusiasmo o novo regime. Isso explica pelo fato de que a terra local, abandonada pela Monarquia,

"via na proclamação da república um raio de esperança para a sua prosperidade e grandeza. Como se a prosperidade fosse exclusivamente devido à forma de governo, não dependendo dos ingentes esforços dos que governam e do próprio povo" ⁶.

Como Presidente da Assembléia Provincial, o Coronel Ponce proclamou o General Antônio Maria Coelho primeiro Presidente do Estado de Mato Grosso que, no governo, criou uma nova agremiação política: o Partido Nacional, em janeiro de 1890. Ingressaram nesse partido liberais e conservadores. Mas aqueles não tinham seus direitos partidários respeitados. Todas as propostas dos ex-liberais eram rejeitadas. Além disso, os ex-conservadores queriam escolher todos os candidatos à Constituinte Federal, não admitindo nenhum nome liberal.

Descontentes com a orientação do Partido Nacional, os correligionários do Coronel Ponce fundaram o Partido Republicano, em 1890. A formação deste partido provocou o esfacelamento total daquela primeira agremiação.

Contudo, o Partido Nacional foi reerguido sob a orientação do governo estadual, visando trunfar nas eleições de 15 de setembro de 1890 para o Congresso Federal. Levando os "nacionais" à prática de inúmeras arbitrariedades contra os seguidores do Coronel Ponce. Muitos eleitores do Partido Republicano foram presos e tiveram seus títulos de eleitor arrebatados.

Diante disso, esperava-se uma reação violenta por parte do Coronel Ponce. Porém, este líder político, procurando evitar o derramamento de sangue, defendeu a abstenção das urnas. Na sua casa, no dia 14 de setembro de 1890, os membros mais destacados do partido Republicano elaboraram um manifesto para o povo mato-grossense, aconselhando-o "a abstenção das urnas, como protesto

⁵ CASALECHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista - 1889 a 1926*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 247.

⁶ PONCE FILHO, Generoso. *op. cit.*, p. 63.

contra a conduta altamente repreensível do governador do Estado, que tem (procurado) suprimir a liberdade eleitoral".⁷

Entre esses membros destacados, encontravam-se José da Silva Rondon, Generoso Ponce, Joaquim C. P. de Azevedo, Virgílio Alves Corrêa, Brigadeiro Severiano C. Daltro, Joaquim Vaz de Campos, Luiz da C. Ribeiro, José Maria Metello, Flávio Crucêncio de Mattos.

Com a abstenção, os partidários do governador Antônio Maria venceram as eleições para o Congresso nacional. Todavia, o Coronel Ponce, inconformado com a espoliação dos direitos do povo, no Rio de Janeiro, o Deputado Antônio Azeredo e o Senador Joaquim Murinho, pleiteou junto ao Presidente Deodoro da Fonseca o afastamento do General Antônio Maria Coelho da chefia do Executivo mato-grossense. O que ocorreu no dia 31 de dezembro de 1890. Mas esta demissão não impediu que os partidários do ex-governador, utilizando-se de fraudes, ganhassem as eleições de 3 de janeiro de 1891 para a escolha dos deputados à Constituinte estadual.

Essas eleições, porém, foram anuladas pelo novo governador do Estado, Coronel Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, em 25 de fevereiro. A 28 de maio de 1891, realizaram-se novas escolhas dos deputados constituintes de Mato Grosso. Nestes pleitos, ocorrendo dentro da legalidade, os republicanos saíram vitoriosos. O Coronel Ponce fora eleito vice-presidente da Constituinte regional, enquanto o também republicano José Metello elegeu-se presidente da mesma. Esta Constituinte terminou seus trabalhos no dia 15 de agosto, promulgando a primeira Constituição republicana do Estado.

Data em que ocorreu, igualmente, as eleições de Generoso Ponce para a 1ª Vice-presidência, de José da Silva Rondon para a 2ª Vice-presidência, Pedro Celestino para a 3ª Vice-presidência e Manoel José Murinho para a Presidência do Estado. Todos tomando posse no dia 16 de agosto de 1891. Vitória do grande líder Generoso Ponce, como assinalou Virgílio Corrêa Filho, em *A República em Mato Grosso*.⁸

Com a posse do novo governador, o Coronel Ponce passou a acreditar piamente no restabelecimento da ordem e da tranquilidade públicas. Mas este grande líder estava enganado, pois Antônio Maria e seus partidários, na surdina, tramavam uma conspiração para retomar o poder de mando no Estado. Conspiração favorecida pela política de deposições dos governos estaduais deodoristas empreendida por Floriano Peixoto que tinha assumido o governo nacional, com a renúncia de Deodoro da Fonseca, em novembro de 1891.

Os correligionários de Antônio Maria instigaram o Governo federal para depor, também, Manoel Murinho, alegando que este governador havia aderido ao golpe do ex-presidente do Brasil. A partir daí, iniciou-se uma rebelião no 21º

⁷ PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 74.

⁸ Apud. PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 67.

Batalhão de Corumbá, sob a liderança do Major Antônio Aníbal da Motta - sobrinho de Antônio Maria Coelho. Com a bênção do tio, Aníbal da Motta e comandados rumaram-se para Cuiabá, com o objetivo expresso de depor o Presidente Manoel Murтинho. O que se consumou no dia 1º de dezembro de 1892.

No lugar de Manoel Murтинho, tomou posse uma Junta Governativa constituída por Aníbal da Motta, Coronel Luís Benedito Pereira Leite e José Marques Fontes. Esta Junta, a 3 de fevereiro de 1893, passou o governo estadual ao Coronel Luís Benedito Pereira Leite, membro do Partido nacional. Consumou-se, assim, o golpe de Estado.

Os golpistas procuraram, ainda, em Corumbá, criar o Estado Livre de Mato Grosso ou a República Transatlântica de Mato Grosso, em 31 de março de 1892. Estava à frente desse projeto separatista o Coronel João da Silva Barbosa.

Felizmente, esta tentativa separatista não encontrou o apoio necessário dos militares do Estado. Os oficiais do 21º Batalhão de Infantaria da guarnição de Mato Grosso, por exemplo, discordaram de tal idéia esdrúxula, conforme consta na Ata da reunião entre o Coronel Barbosa e os referidos oficiais:

"Cidadão Coronel João da Silva Barbosa, Comandante interino do 7º distrito militar (...) a vista da dissensão havida em vosso quartel hoje, na qual não chegou a um resultado sobre as medidas relativamente aos últimos acontecimentos ocorridos neste Estado vêem declarar-vos que não (...) concordam também na declaração de Estado Livre de Mato Grosso, porque, como filhos dele, sabem que o Estado não dispõem de recursos, finalmente não aderem a movimento algum que tenha por fim repelir atos e ordens do Governo Federal"⁹.

Desse modo, a idéia de criação do Estado Livre ou República Transatlântica morreu na própria reunião de Corumbá, em 31 de março de 1892. Enquanto no interior do Estado, o Coronel Ponce encarnava a fidelidade dos patriotas a unidade da Nação, objetivando a submissão dos golpistas ao regime da lei. Razão pela qual conduziu-se a arregimentar 1.500 homens e, depois de armá-los como pôde, rumou-se para Cuiabá.

A sua entrada e a de seus homens ocorreu-se a 10 de abril de 1892, evitando derramamento de sangue obrigou Luís Benedito a renunciar-se do governo estadual. Não assumindo, no entanto, o referido cargo que fora entregue à uma Junta Militar que aguardaria a posição do Governo Federal.

Mas a luta não tinha, ainda, terminado, uma vez que o Coronel João da Silva Barbosa enviara uma nova expedição para Cuiabá, com o fim de garantir a volta de Luís Benedito ao poder de mando. Esta nova expedição, depois de bombardear a Usina da Conceição, instalada no rio Abaixo, assenhoriou-se do governo, em benefício do Partido Nacional.

⁹ PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 67.

Percebendo-se que fora enganado, o Coronel Ponce volta ao interior do Estado para organizar novas forças. Em pouco mais de duas semanas, arregimentou-se cerca de 3.000 homens. Em seguida, penetrou-se em Cuiabá, com o fito de bater os militares e paisanos que se apoderaram do poder. Ciente disso, um grupo de populares dirigiu ao seu encontro para engrossar suas forças.

O pânico começou, então, a dominar os que usurparam o poder. Major Anibal da Motta viajou para Corumbá, o navio Antônio João também retornou e Luís Benedito, que havia assumido o governo no dia 18 de abril, transmitiu-o a José Marques Fontes, antes de retirar-se da Capital. O novo governador, vendo-se cercado pelas forças ponceistas, também abandonou o cargo.

A luta armada continuou por mais alguns dias, sacrificando muitas vidas. Os últimos rebeldes renderam-se a 12 de maio. Assim, no dia 20 de julho, Manoel Murtinho foi reconduzido ao cargo. Estava restaurada a lei e a ordem no Estado, graças ao empenho do "condutor de homens" que, ao reconduzir Manoel Murtinho ao cargo no dia 20 de julho, demonstrou, com esse ato, que acima dos caprichos pessoais estava a legalidade. O Coronel Ponce com a massa popular venceram a revolta sem a ajuda do Governo Federal. Pelo seu desempenho, recebeu do Presidente Floriano Peixoto a nomeação de Coronel honorário do exército.

Além de patriota e defensor da lei, o Coronel Ponce tornou-se um grande líder político. "Nenhum chefe político gozou em Mato Grosso de prestígio igual ao seu", informou Estevão de Mendonça¹⁰, e Pedro Celestino escreveu, assim, sobre ele, em 23 de julho de 1907¹¹:

"Quando a reflexão deu-lhe a consciência de ser um homem, o patriotismo arrastou-o a luta política.

Era então muito moço, mas distinguia-o já inteligência robusta, atividade infatigável, e ele ascendeu no cenário social pelo esforço próprio, pelo próprio mérito, ao posto de chefe supremo do Partido Liberal em Mato Grosso".

Gozando de grande prestígio político no Estado, o Coronel Ponce elegeu-se Senador nas eleições de 1º de março de 1894. Sobre esta eleição, o jornal Diário de Notícia¹² do Rio de Janeiro publicou:

"(O povo de Mato Grosso) fez juztiza ao valente patriota, dando-lhe, assim, a mais solene prova de seu reconhecimento pelo muito que por ele fez".

Em agosto de 1895, Manoel Murtinho foi substituído no governo regional por Antônio Corrêa da Costa, eleito tranqüilamente pelo Partido

¹⁰ MENDONÇA, Estevão de. *Datas mato-grossenses*. Goiânia: Rio Bonito, 1973, v. 1 e 2. p. 123

¹¹ PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 39.

¹² *Ibidem*, p. 135.

Republicano. Os poncistas dominavam politicamente o Estado, respeitando a lei e lutando para o benefício de Mato Grosso.

Esse governador vinha fazendo uma boa administração até 25 janeiro de 1898, data em que se registrou o "caso dos bondes". Incidente ocorrido porque o Coronel Ponce, ignorando a ordem policial para o recolhimento do bonde em que este chefe político viajava, ordenou ao condutor do veículo que continuasse o trajeto¹³. Diante desta atitude, o Chefe de Polícia solicitou sua exoneração e Antônio Corrêa da Costa renunciou ao governo estadual, passando-o ao 2º Vice-presidente Antônio Cesário de Figueiredo, em 10 de abril de 1898, que, ainda neste mesmo ano, também deixou o referido cargo.

No ano seguinte, a questão da sucessão no governo do Estado provocou a dissidência do Partido Republicano, deixando os Murtinhos e os poncistas - tradicionais aliados principalmente contra os membros do Partido Nacional - em lados opostos. Isto ocorreu porque o Coronel Ponce, candidato natural do Partido Republicano, indicou João Felix Peixoto de Azevedo. Indicação não aceita pelos Murtinhos que, para a função, apoiaram a candidatura de José Maria Metelo.

Nessa disputa acirrada, os resultados das eleições de março de 1899 registraram: João Felix de Azevedo, pelo Republicano, com 5.647 votos contra os 959 de José Metelo, concorrendo pelo Partido Democrata. Uma enorme vantagem numérica do candidato poncista.

Entretanto, uma vantagem considerada, pelos partidários dos Murtinhos, "a vitória da fraude".

Os ânimos acirraram-se. É nesse momento que surgiu a figura do Coronel Antônio Paes de Barros (Totó Paes), proprietário da Usina Taici no rio Abaixo, posicionando-se contra o Coronel Ponce. Trabalhou para arregimentar forças paramilitares, as quais deu o nome de Legião "Campos Sales", visando impedir que o Legislativo mato-grossense reconhecesse a vitória do candidato poncista. A Assembléia Legislativa ficou toda cercada pelos 2.000 homens comandados por Totó Paes. Apertados no cerco imposto, os deputados estaduais - entre os quais Generoso Ponce - e o então governador do Estado pediram a intervenção do Presidente do País, Campos Sales, porém não foram atendidos.

Diante dessa posição de Campo Sales, Totó Paes apresentou a proposta de anulação da eleição de 1899 e a renúncia do Governador Antônio Cesário, em troca da preservação da vida dos partidários do Coronel Ponce. Esta proposta humilhante foi, unanimemente, repelida tanto pelo Legislativo como pelo Executivo regional. Desencadeando, a partir de então, a luta armada. Cuiabá, na ocasião transformou-se em campo de batalha, conforme descreveu o Capitão Domingos Nascimento¹⁴:

"O Coronel Ponce organizou resistência no centro da cidade, entricheirando o Palácio e imediações. Há 15 trincheiras (...) Dentro delas o Coronel Ponce se fortificou com 1.300

¹³ Ver a respeito CORRÊA FILHO, Virgílio. op. at. p. 589.

¹⁴ Apud PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 198.

homens bem armados. Os revolucionários também têm muito armamento (...) Forças revoltosas tomam a entrada da cidade (...) Os atacantes atiram-se às trincheiras (...) Espreitam pelos quintais e fazem fogo para o centro governista (...) O cerco é cada vez mais estreito ..."

A situação ficou insuportável para os partidários do Coronel Ponce. O que levou a Assembléia Legislativa a anular a vitória de João Felix de Azevedo para o governo do Estado, marcando a realização de um novo pleito para o dia 20 de julho de 1899. Demonstrando-se prudente e defensor do regime republicano, o Coronel Ponce advogou a abstenção das urnas, justificando-a com o seguinte manifesto ¹⁵:

"Com a responsabilidade do poder(...) a vida do Partido Republicano tem tido por norma a prática democrática federativa (...) A conquista da verdade republicana em 1892 firmou a autonomia do Estado (...) Estava, porém, destinado todo esse edifício construído (...) a ser profundamente abalado pela ambição desmedida do Sr. Dr. Manoel José Murtinho, que unido ao próprio partido que o depusera em 1892 e de mãos dadas com seu irmão Dr. Joaquim Murtinho, Ministro da fazenda, e com o Sr. Presidente da República, tomou a peito a triste empreitada de desvirtuar o novo regime com prática dos mais criminosos atentados contra o sistema federativo (...) Quero apenas declarar aos meus concidadãos e correligionários que embora adversário da abstenção (...) estou resolvido a não concorrer à eleição que foi marcada para 20 de julho ..."

Assim, nas eleições de 20 de julho, o Coronel Antônio Pedro Alves de Barros foi eleito governador de Mato Grosso. A sua posse ocorreu no dia 15 de agosto de 1899, consumando-se a vitória dos Murtinhos e de Totó Paes. Este último, como presidente do Partido Republicano Constitucional, passou a perseguir implacavelmente os correligionários do Coronel Ponce. À frente da Força Patriótica, por exemplo, ele cometeu o assassinato de dezessete poncistas num lugar conhecido por Baía do Garcez. Além disso, nos municípios de Diamantino, Barra do Bugres e Rosário Oeste, alguns de seus destacamentos saquearam e incendiaram propriedades, torturaram e fuzilaram os que estavam descontentes com a então situação política de Mato Grosso. A ordem era uma só: o extermínio dos adversários políticos.

A perseguição aos poncistas teve início a partir de 31 de agosto de 1899,

¹⁵ Ibidem, p. 218.

quando ocorreu a agressão sofrida pelo Coronel Ponce, praticada pelo polaco Ramon Jackwicks que acabou linchado por populares. Acontecimento conhecido como A Ramonada que se iniciou com o:

"Senador Ponce caminhava tranqüilamente pela 'rua de Baixo' (...) quando de inopino, Ramon lhe assaca grave ofensa moral (...) Ponce, homem de luta, que nunca soube o que era covardia, revida (...) É o que Ramon queria (...) Investe (...) Ambos, então, se atacam e quando Ramon sacou de um revólver Ponce lhe arrebatou a arma (...) O 'gringo', covarde agressor, rapidamente se homisia em uma casa comercial próxima (...) A notícia se espalha (...) em poucos momentos, chegam os amigos. Procura-se o criminoso (...) A esse tempo comparece a Polícia. Forçam-se as portas do botequim, esconderijo de Ramon (...) que é arrastado para a rua ao mesmo tempo que vai recebendo golpes - cacetadas, ponta-pés, tiros (...) Ramon já é cadáver (...) A Polícia estimulou o linchamento e dele participara. Era preciso evitar que Ramon revelasse os nomes dos mandantes (...) Ramon Jackwisk engajara na célebre 'Legião Campos Sales' comandada por Totó Paes. Só esse fato já o recomendaria como elemento capaz de qualquer delito. Aliás já cometera crime de morte e comandara uma escolta não para prender mas para matar Ponce que, por medida de segurança, se afastara da cidade"¹⁶.

Essa perseguição, também, atingiu a família Ponce. Totó Paes a obrigou a se refugiar no Pantanal durante vinte e sete dias; enquanto o Coronel Ponce era forçado a exilar-se no Paraguai - local onde, posteriormente, reencontrou seus familiares que foram salvos por dois oficiais do exército.

Em Assunção, no Paraguai, o Coronel Ponce fundara com Antônio Corrêa da Costa o jornal *Reação*, no qual denunciaram os crimes praticados por Totó Paes em Mato Grosso. Exilado até 1903, retorna à terra natal a fim de refazer sua vida comercial (encontrava-se no governo regional Totó Paes), pois havia perdido grande parte de seu patrimônio devido as perseguições políticas que sofreu. Sua casa comercial de Diamantino fora saqueada e incendiada e a de Corumbá, vendida.

Com sua capacidade de trabalho, em pouco tempo, não só recuperou o que tinha perdido, como duplicou sua fortuna. Seu patrimônio foi avaliado, em 1906, em três mil e setecentos contos de réis - uma verdadeira fortuna para época.

¹⁶ Apud. BARROS, João M. de. *Períodos Conturbados da política mato-grossense*. São Paulo: Resenha Tributária, 1985, p. 53, 114.

Mas ele não se preocupava apenas com sua fortuna. Mato Grosso e sua gente tomavam à frente todo o seu dedicado esforço na vida pública. O político não tinha sido absorvido pelo comerciante, ainda lhe dominava por completo. Como grande força de equilíbrio e de ordem, diante da candidatura de Totó Paes ao governo do Estado, à sua revelia, os Murtinhos puseram-se a procurá-lo, numa aproximação que culminou com a formação da Coligação Mato-grossense - organizada para combater os atos de Totó Paes. À qual se juntaram antigos inimigos políticos: Joaquim Murtinho, Generoso Ponce Pedro Celestino e outros. Sobre a formação dessa coligação, eis o que comentou Pedro Celestino¹⁶:

"Essa Coligação, porém, não representava solidariedade política, eu (Pedro Celestino) estava então livre e disposto a unir-me a qualquer grupo, que pudesse com eficácia combater os animadores da instituição republicana, da fortuna pública entre nós, de nosso crédito. Foi nessa época que se organizou o grande partido da coligação, obedecendo o meu concurso à condição de exclusão de qualquer acordo com o Coronel Antônio Paes, desde que ele continuasse à testa do governo ou do partido que governasse".

Em pouco tempo, a Coligação Mato-grossense conseguiu prestígio e apoio popular, possibilitando-lhe, nas disputas eleitorais, a obtenção de significativas vitórias sobre Totó Paes. Nas eleições de 1906 - para a renovação da bancada de deputados federais e de um terço do Senado - por exemplo, foram eleitos o Senador Azeredo e os deputados Serzedelo Corrêa, Joaquim Augusto da Costa Marques e Benedito Cipriano de Souza (Dr. Bené). Todos pela Coligação que, ainda, arregimentou homens para formação de suas forças armadas destinadas para por fim a prepotência do então governador. Dos principais centros do Estado, eram mobilizados tropas armadas. Do Norte, Pedro Celestino trouxe numerosos grupos; de Corumbá, parte a Divisão Naval Libertadora, composta de 500 homens. Não demorou muito para Cuiabá ficar sitiada. Pressentindo sua própria derrota, Totó Paes abandonou o Palácio do Governo, refugiando-se no Coxipó do Ouro - numa fábrica de pólvora, onde foi morto, em 6 de julho de 1906.

À frente das forças da Coligação, o Coronel Ponce¹⁷ afirmou:

"Patriotas, com o epílogo e morte (de Totó Paes) ficou encerrado o ciclo de depotismo selvagem a que esteve sujeito por tão longo período o nosso Estado ..."

Com a morte de Totó Paes, Pedro Leite Osório, na condição de 1º Vice-presidente, assumiu a chefia da administração estadual, completando o período governamental.

¹⁶ Apud. CORRÊA FILHO, Virgílio. **Pedro Celestino**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945, p. 107.

¹⁷ Apud. PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 421.

Novamente, à frente de um movimento vitorioso, o Coronel Ponce não se apropriou do poder. Aceitou a sucessão legal, demonstrando um profundo respeito a ordem constitucional. Por isso, foi eleito mais uma vez presidente da Assembléia Legislativa, pois exercia o cargo de deputado estadual desde novembro de 1905. Gozava de grande prestígio político. O que garantiu sua eleição para o governo de Mato Grosso, no dia 1º de março de 1907. Sua posse ocorreu a 15 de agosto de 1907. Revestido deste cargo, ele procurou não só atender as exigências essenciais da região, mas trabalhou para melhorar a saúde econômica mato-grossense. O Estado atravessava uma grave crise econômica, conforme o próprio governador admitia:

"(...) as previsões de orçamento da receita para o corrente exercício não serão provavelmente atingidas, devido a grande diminuição da arrecadação do imposto de exportação da borracha, principal fator de venda do estado. Este importante produto da nossa indústria extrativa, tendo ficado sem cotação nos centros de consumo, terá este ano uma caída medíocre porque inferior será também a sua produção, pelo desalento em que por aquele fato se encontram os extratores (...) Do outro lado despesas extraordinárias e imprevistas vieram onerar ainda mais os cofres públicos, como sejam as do transporte e sustento da força expedicionária e os contingentes de cidadãos que operaram no sul do Estado para o restabelecimento de ordem ali alterada ..." ¹⁸

Quadro Demonstrativo da Receita e Despesa do Estado de Mato Grosso
1895-1908

Anos	Receita	Despesa
1895	615:710\$388	668:789\$205
1899	1:120.727\$544	1.471:165\$010
1900	1.432:849\$009	1.437:146\$872
1901	1.258:196\$228	3.591:437\$664
1902	1.390:992\$805	1.588:546\$078
1905	2.038:981\$579	2.084:406\$035
1908	2.402:269\$178	2.942:151\$813

Fontes: Mensagem do Coronel Antônio Paes de Barros enviada à Assembléia Legislativa, na 3ª sessão ordinária de sua 6ª legislatura, instalada à 4 de março de 1905; Mensagens apresentadas pelo Coronel Pedro Leite Osório - 1º Vice-presidente - à Assembléia Legislativa, em 13 de maio de 1907 e em 13 de maio de 1910.

Nota-se no quadro acima que as despesas verificadas foram superiores às receitas, ocasionando os déficits. A soma total dos déficits foi de 3.488:015\$946

¹⁸ MENSAGEM dirigida pelo Exmo. Sr. Coronel Generoso Leme de Souza Ponce à Assembléia Legislativa, na 3ª sessão ordinária da 7ª legislatura, em 13 de maio de 1908.

réis, obrigando o Estado a contrair elevados empréstimos.

Vale ressaltar, no entanto, que o Coronel Ponce realizou uma ótima administração. Preocupou-se em aprimorar o aparelho arrecadador estadual para controlar a renda proveniente do imposto de exportação da borracha cuja evasão era enorme. A borracha era a principal fonte de renda de Mato Grosso. Além disso, ele procurou melhorar as condições de navegabilidade do rio Cuiabá, incentivou o plantio de seringueiras, acelerou o processo de colonização, estimulou a exploração das minas do Urucum, desenvolveu projetos de estradas de ferro: de Porto Murtinho ao rio Brilhante, de Cuiabá até a confluência dos rios Juruena e Arinos, do rio Jaurú ao rio Guaporé - ligando às bacias Amazôna e Platina - de Gi-Paraná ao rio Tapajós. Enfim, preocupou-se com os interesses de Mato Grosso e seu povo.

Em função da eficácia de suas medidas, a renda dos produtos de exportação aumentou consideravelmente, conforme demonstra o quadro abaixo:

Produtos	1904	1907	1908
Mate	250.012\$277	250.000\$000	290.000\$000
Ipecacuanha	11.071\$606	17.763\$400	19.763\$400
Couros	-	69.516\$440	63.195\$595
Gado	38.356\$000	84.335\$000	49.113\$000
Borracha	370.851\$736	886.045\$288	1.190.372\$692

Fontes: Mensagem do Dr. Antônio Paes de Barros enviada à Assembléia Legislativa, na 3ª sessão ordinária de sua 6ª legislatura, instalada em 4 de março de 1905; Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa pelo Exmo. Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, presidente do Estado de Mato Grosso, ao instalar-se a 1ª sessão da nona legislatura, em 13 de maio de 1912.

O governo Ponce foi caracterizado, sobretudo, pela concórdia e pela garantia de todos os direitos. Os sem-terras, pela primeira vez, foram respeitados e ajudados no Estado. com a Lei 488, de 8 de outubro de 1907, reconhecia aos sem-terras o direito às terras.

O Coronel Ponce não freqüentou uma academia, mas preocupou-se muitíssimo com a instrução pública. defendeu a construção de escolas em áreas rurais. Eis um trecho de uma de suas mensagens que tratava sobre a instrução pública¹⁹:

"É este um dos ramos da administração que mais se impõem ao vosso cuidado e solicitude, pela absoluta dependência que dele tem o futuro dos povos.

¹⁹ Apud. PONCE FILHO, Generoso. op. cit., p. 495.

Promover, portanto, o seu melhoramento progressivo, a sua propagação a todos os que carecem desse pão do espírito, tão necessário à vida moral, como o é para a física o pão material, é dever rigoroso de todo governo que se compenetrar de sua alta missão e graves responsabilidades.

Por isso, quaisquer sacrifícios feitos em benefício da cultura intelectual do povo, pode-se dizer que são o germen do seu engrandecimento e felicidade ..."

O grande administrador, porém, fora derrotado pela doença que o obrigou a renunciar em outubro de 1908. Permanecera, apenas, catorze meses no cargo. Em seu lugar, assumiu o Coronel Pedro Celestino, vice-presidente.

Deixou o cargo de governador, mas não a política partidária. Continuava envolvido com ela. Por isso, em 1909, a população exigiu do Partido da Coligação que o indicasse como candidato ao Senado. O que não fora aceito, pois os Murtinhos preferiam a reeleição de José Maria Metelo que não tinha força política. Para evitar a dissidência política, o Coronel Ponce desistira de sua candidatura à senatoria em favor de Metelo. Ele teve o supremo gesto de abnegação. Seu nome, então, foi lançado para deputado federal nas eleições de 30 de janeiro de 1909, nas quais saiu-se vencedor.

Na Câmara Federal, foi novamente o defensor combativo dos interesses mato-grossenses. A doença esgotava sua saúde, mas ele não ficava alheio às necessidades do Estado. Apresentou projetos de lei de vital importância para a região, como foi o caso daquele que suspendia por três anos a lei cabotagem de modo a permitir facilidades para o transporte de mercadorias para as terras mato-grossenses. Esse espírito combativo, no entanto, foi vencido pela morte. No dia 7 de novembro de 1911, esse líder político regional faleceu. Mato Grosso e sua população perderam um grande batalhador que, mesmo doente, não deixou de dedicar amor e trabalho à terra mato-grossense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a preparação deste livro, teve-se a feliz sensação de que o velho condutor de homens, Generoso Ponce, seguia todos os seus passos, conduzindo-o em todas as questões tratadas ao longo de suas páginas.

Por várias vezes, tomou-se o rumo da velha casa da antiga rua do Campo, buscando respirar o clima de coisas idas e vividas. Ali e nos livros pesquisados, os fatos foram revolvidos, bem como as pessoas que construíram a história de Mato Grosso. O momento foi de unção, onde a realidade passava a se confundir e os dados objetivos se embaralhavam e se esmaeciam. O Coronel Ponce mergulhava num contexto que superava o plano material e atingia a transcendência do realismo fantástico.

Na imaginação do pesquisador - como produto de tudo que fora investigado - como num passe de mágica, o ambiente da antiga rua do Campo se transmutava: as árvores existentes na época se agitavam, ganhando formas humanas e ilusão de movimento. Tudo parecia vagamente familiar. Estavam todos ali: revolucionários ardentes, políticos eloqüentes, conspiradores esquivos. A imensa legião dos que foram a favor ou contra se perfilava ante o condutor de homens que, por sua vez, postado serenamente, estendia a mão a todos, inclusive aos inimigos, sem perder a compostura. Não foram poucas as vezes que o Coronel Ponce estendera as mãos aos inimigos. Grande gesto!!! Em 1903, o grande líder recebeu bem os Murtinhos, esquecendo-se dos desentendimentos de 1899. Prova de que há comportamentos maiores na política brasileira.

O povo, nos dias de hoje, precisa desses exemplos.

Generoso Ponce é um exemplo aos mato-grossenses. Sua vida foi um paradigma de virtudes cívicas e de devotamento aos interesses de Mato Grosso. A legenda de "representação e justiça" sempre foi a sua bandeira. No seu peito, sempre bateu um coração mato-grossense e libertador. Ele teve três paixões na vida, a saber: o Estado natal, a política e a família. Lutou por todas com bravura e devoção.

A derradeira imagem de alucinação que se apresenta é a de um homem magro, mais moreno, de cabeleira grisalha e de cavaignac curto, embranquecido, que ocupou a tribuna da Câmara dos Deputados para defender os interesses de Mato Grosso. A enfermidade destruía seu corpo, mas não o impedira de sair em defesa de seu Estado contra o menosprezo da administração do Lloyd Brasileiro, em 1911. A enfermidade minou suas últimas forças. O mal progredira, levando-o a morte a 7 de novembro de 1911. Certamente, Mato Grosso "chorou" a dor pela perda irreparável de um de seus ilustres filhos, combativo e lutador, cujo nome se ligou para sempre a história de liberdade e do Estado - tornando-se, assim, imortal.

Na imaginação processou-se, ainda, uma transferência: tudo que o Coronel Ponce fora, ao longo de uma vida, exauriu-se e ganhou outra dimensão - a do passado. Um passado que não pode morrer.

Todos os mato-grossenses - de nascimento ou por adoção - precisam resgatar a história regional, reverenciar o Coronel Ponce. O seu papel na história mato-grossense carece ser conhecido, registrado e transmitido. Conviver-se com a história é uma questão de mera sensibilidade.

BIBLIOGRAFIA

1 - Jornais:

A Gazeta. Cuiabá, 1889. Cuiabá, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

O Liberal. Cuiabá, 1876. Cuiabá, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

A Província de Mato Grosso. Cuiabá, 1881, 1885. Cuiabá, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

O Republicano. Cuiabá, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

2 - Revista:

CORRÊA FILHO, Virgílio. A república em Mato Grosso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, Cuiabá, t. XXIX e XXX, p. 45-70, 1933.

3 - Documentos Oficiais:

MATO GROSSO. Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa pelo 1º Vice-presidente, Coronel Generoso Paes Leme de Souza Ponce, em 1º de junho de 1892. Cuiabá, Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

MATO GROSSO. Mensagem do Dr. Antônio Paes de Barros enviada à Assembléia Legislativa, na 3ª sessão ordinária de sua 6ª legislatura, instalada em 4 de março de 1905

MATO GROSSO. Mensagens apresentadas pelo Coronel Pedro Leite Osório - 1º Vice-presidente - à Assembléia Legislativa, em 13 de maio de 1907.

MATO GROSSO. Mensagem dirigida pelo Exmo. Sr. Coronel Generoso Leme de Souza Ponce à Assembléia Legislativa, na 3ª sessão ordinária da 7ª legislatura, em 13 de maio de 1908.

MATO GROSSO. Mensagens apresentadas pelo Coronel Pedro Leite Osório - 1º Vice-presidente - à Assembléia Legislativa, e em 13 de maio de 1910.

MATO GROSSO. Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa pelo Exmo. Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, presidente do Estado de Mato Grosso, ao instalar-se a 1ª sessão da nona legislatura, em 13 de maio de 1912.

4 - Livros e Teses:

ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. **Mato Grosso: trabalho escravo e trabalho livre - 1850 a 1888**. Brasília: Ministério da Fazenda/Departamento de Administração, 1984.

BARROS, João Moreira. **Cuiabá e o seu passado**. São Paulo: Resenha Tributária, 1982.

_____. **Períodos conturbados da política mato-grossense**. São Paulo: Resenha Tributária, 1985.

CASALACHI, José Ênio. **O Partido Republicano Paulista - 1889 a 1926**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: INL, 1969.

_____. **Pedro Celestino**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945.

_____. **Joaquim Murtinho**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de**

- Mato Grosso - 1870 a 1920.** São Paulo, 1980, 200 p. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo.
- CORRÊA, Valmir B. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso - 1889 a 1943.** São Paulo, 1981, 200 p. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo.
- LEAL, Joaquim Ponce. **Os homens e as armas:** notícias de um ciclo revolucionário. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1980.
- LINHARES, Temistocles. **História econômica do mate.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.
- MENDONÇA, Estevão de. **Datas mato-grossenses.** Goiania: Rio Bonito, 1973, v. 1 e 2.
- MENDONÇA, Rubens de. **História das revoluções em Mato Grosso.** Goiania: Rio Bonito, 1970.
- PONCE FILHO, Generoso. **Generoso Ponce, um chefe.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.
- _____. **O menino que era eu - memórias.** Rio de Janeiro: Lançadeira, 1967.
- POMER, Léon. **A guerra do Paraguai: a tragédia rio-platense.** São Paulo: Global, 1980.
- PÓVOAS, Nilo. **Galeria dos varões dos ilustres de Mato Grosso.** Cuiabá: Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978, v. 2.
- SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil: 1500-1820.** São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1979.
- SOUZA, Antônio Fernandes de. **Antônio Paes de Barros (Totó Paes) e a política de Mato Grosso.** São Paulo: Cinelândia, 1958.